



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso

BRINQUEDOS DE MENINOS E BRINQUEDOS DE MENINAS, UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.

Valeska Isabela de Azevedo Fronza (Acadêmica do curso de Pedagogia)

e-mail: valeskafronza@hotmail.com

Paula Naiana Heydt Ferreira (Psicóloga)

e-mail: heydtferreira@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: Gênero: Temas transversais

Resumo: Este artigo busca proporcionar uma reflexão a respeito da construção social que determina que os brinquedos são divididos em brinquedos para meninos e brinquedos para meninas, pretende-se por meio desta pesquisa compreender como essa construção ocorreu de maneira histórica, pois entende-se que esta divisão dos brinquedos corrobora para a divisão social dos papéis a serem desempenhados por homens ou mulheres. Assim quando limitamos e dividimos os brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas, colabora-se para uma produção de identidades sexistas. Sendo os brinquedos de meninas habitualmente ligados a cuidados com o lar e os filhos e dos meninos direcionados a atividades físicas, velocidade e também a agressividade. Desta forma percebe-se que estes estereótipos de gênero são socialmente reforçados por meio destes brinquedos.

Palavras-chave: Criança; Brinquedos; Gênero.

Introdução

Quando uma mulher engravida logo nos primeiros meses surge a ansia em identificar o sexo biológico do bebê, assim ao descobrir isso os familiares começam a frequente separação entre rosa e azul, carrinho ou boneca, essas concepções se dão de maneira tipicamente sociais, repensar estes conceitos trouxeram grande avanço, porém questionar a maneira com que é reforçado o estereótipo por meio da atividade lúdica que a criança estabelece com o brinquedo, é uma área que deve haver uma discussão mais profunda, assim nota-se a relevância desta problemática.

Quando uma criança foge a essa regra estabelecida pela sociedade, em brincar com um brinquedo que não esteja identificado com o seu sexo biológico, esta sofrerá opressão de adultos e até mesmo de outras crianças



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

para se adequar ao padrão vigente. Assim a criança é ensinada a gostar de algumas brincadeiras e brinquedos e se recusar a participar de outras, ou a gostar de determinada cor e rejeitar outras. Estas atitudes fazem com que as identidades sexuais não sejam discutidas e os papéis determinados culturalmente para cada sexo sejam vistos como naturais.

Materiais e métodos

O artigo foi realizado por meio de uma metodologia qualitativa, Segundo o Chizzotti (1995, p.79) A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto. O procedimento metodológico utilizado será a pesquisa bibliográfica, por meio de livros e artigos que discutem a temática.

“As pessoas julgam diferentemente os bebês, baseadas no sexo que lhe atribuem e independente do sexo real escondido sob as fraldas” (ELIOT, 2013, p.101). Desde muito novas as crianças são submetidas a padrões os meninos costumam receber adjetivos como corajoso, forte, intimidador, já as meninas são atribuídos adjetivos como, meiga, delicada, carinhosa. Então surge o questionamento: Qual a origem destas afirmações e porque elas são feitas?

Vivemos em uma sociedade que controla e estabelece padrões a serem seguidos, assim estes “padrões de normalidade”, estabelecem o lugar que alguém deve ocupar, estes lugares os quais as pessoas devem ocupar estão ligados não somente a gênero, mas também a raça, cor, etnia, classe social. A criança nasce já imersa nestas concepções sociais, e desenvolvem atividades pré-determinadas de acordo com o seu sexo biológico, quando a criança foge a essas regras é repreendida por professores e familiares, então deixa de lado aquilo que realmente gosta, para atender a vontade dos adultos que fazem parte de seu convívio social.

Vianna e Finco, (2009, p.270), afirmam que:



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

No convívio com os outros – educadores e colegas –, o corpo ganha destaque: os gestos, os movimentos e as posturas são alinhavados socialmente; ganham determinado lugar e uma imagem, segundo padrões de conduta e valores culturais em que cada criança se insere.

Percebe-se então que a criança a partir do meio no qual está inserida demonstrará determinados comportamentos, sendo assim quando se proporciona a criança uma conduta sexista, esta irá refletir estas atitudes em seu convívio social. Portanto quando a família e a escola possibilitam a essa criança que está com a personalidade em formação, vários tipos de brincadeiras, brinquedos, cores e roupas, a criança terá a oportunidade de conhecer e escolher as opções com as quais se identificam.

Resultados e Discussão

O brincar é um momento crucial para o desenvolvimento da criança, de acordo com Carneiro e Dodge (2007, pág. 59), “(...) o movimento é, sobretudo para criança pequena, uma forma de expressão e mostra a relação existente entre ação, pensamento e linguagem”. O ato de brincar possibilita a criança lidar com diferentes tipos de situações, desenvolvendo uma infinidade de processos cognitivos, o brincar também está amparado na Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se. Porém quando limitamos este acesso as brincadeiras devido ao sexo biológico da criança estamos inviabilizando o acesso a uma diversidade de atividades que contribuirão para a formação não só intelectual, mas também a formação social desta criança.

As crianças durante a educação infantil (0 a 5 anos) se envolvem nas atividades sem uma preocupação com a adequação de seu gênero, a brincadeira, apesar de aprenderem existem brincadeiras e brinquedos diferentes para cada sexo biológico. Entretanto a autora Daniela Finco (2003) após observar crianças brincando em uma instituição infantil constatou que:



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os desafios de um contexto em retrocesso**

meninos e meninas se revezam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos; [...] As crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos. Meninos participavam de brincadeiras como cuidar da casa, cozinhar, passar roupa, cuidar dos filhos, que são vistas como funções das mulheres; assim as crianças trocavam e experimentavam os papéis considerados masculinos ou femininos durante os momentos de brincadeira. (FINCO, 2003 p. 94)

Assim percebe-se que não é próprio da criança esta divisão, pois estas movem-se entre as brincadeiras sem a preocupação de que aquela brincadeira é adequada ou não, esta é sim uma conduta dos adultos, ainda sobre esse assunto, Finco (2003, p. 95) corrobora dizendo que “são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro”.

Com o crescimento surge a necessidade de adequação e aceitação, então a criança é contaminada e passa a reproduzir ideias sexistas, assim quando uma criança não consegue se adequar a estes padrões engessados sofre preconceito, e um grande sofrimento interno, pois não se sente pertencente a nenhuma esfera do masculino ou feminino.

Deste modo devemos então proporcionar as crianças uma reflexão de que não existe brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, existem brinquedos de crianças, que uma menina pode sim brincar de futebol e um menino também pode brincar de casinha e que não há problema nenhum nisso. Porém ultrapassar estes limites e superar esta dicotomia masculino e feminino, ainda que estejamos no século XXI não é visto com bons olhos pela sociedade.

Considerações finais

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo realizar através de uma breve revisão da literatura, a discussão sobre a construção social, que divide brinquedos de meninos e brinquedos de meninas.



ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:

Os desafios de um contexto em retrocesso

Por meio do estudo foi possível perceber que esta divisão não é algo empírico e sim uma construção social perpassada culturalmente, e que esta divisão não é algo próprio das crianças e sim uma determinação dos adultos que buscam que a criança pertença ao masculino ou ao feminino, e crianças que não se encaixam nestes padrões são consideradas atípicas, assim as instituições que a criança frequenta, evidenciando a escola, devem ser ambientes de transformação, e não reforçar estes padrões.

Agradecimentos

Meu agradecimento especial ao grupo de pesquisa Gênero Trabalho e Políticas Públicas, que proporciona conhecimentos fundamentais, buscando sempre questionar as relações de opressão e desigualdades que são socialmente construídas e articuladas para normalizar e justificar as desigualdades de gênero impostas desde a infância.

Referências

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbatto e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa**. O impacto das diferenças de gênero na educação—Porto Alegre: Penso, 2013

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**: Dossiê: Educação Infantil e Gênero, v. 14, n. 42, 2003, p.89-102.

VIANA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**. v.33. p.256-283. Julho-Dezembro. 2009.